

A CULTURA COMO NECESSIDADE VITAL DA EXISTÊNCIA SOCIAL

*Bruna Milene Ferreira**

A Grécia antiga parece representar tudo aquilo que o conceito de cultura poderia abarcar: filosofia, arte, religiosidade, política, legislação, técnica, maquinário de guerra, etc. Afinal, lá surgiram ou se desenvolveram muitos dos produtos criados pela racionalidade no mundo antigo. Eis uma razão plausível para o título de berço cultural da civilização ocidental sustentado pelo povo grego até os dias de hoje.

A cultura, em sentido antropológico, é uma criação humana a partir das necessidades complexas que nutrimos, para além da mera satisfação animal ligada aos instintos. A existência natural não nos basta, desejamos a todo momento e nossa vontade termina por ultrapassar os limites do que a vida selvagem poderia nos oferecer.

Como já cantavam os Titãs: não queremos só comida, precisamos de diversão e arte. A reprodução e a busca pelo alimento que garante a sobrevivência da espécie não esgota nossos interesses. Por sermos racionais somos também intencionais, o que nos leva a criar meios para a realização de finalidades tipicamente perseguidas por seres dotados de racionalidade.

O descontentamento e a busca constante pela concretização de necessidades cada vez mais elaboradas permitem ao homem o ingresso no mundo social ou no âmbito da cultura enquanto local de humanização, no sentido não apenas do exercício da racionalidade, mas como universo de atuação dos sentidos e afetos. Aliás, muitas discussões apontam a arte como sinônimo máximo de manifestação cultural. O artístico eleva o homem ao plano da fruição, da inutilidade, no sentido da contemplação, do interesse por algo que não pode ser encarado como subsistência. O trabalho está ligado ao útil, à sobrevivência entendida biologicamente, já a arte se dá na esfera da necessidade de estar também acima das exigências biológicas. A religiosidade

* Professora de Filosofia, Sociologia e Pesquisa Educacional na Faculdade Alfredo Nasser. Mestre em Ética e Filosofia Política pela UFG.

também mostra uma necessidade tipicamente humana que nos diferencia da animalidade restrita.

A pluralidade cultural possibilita a manifestação de traços e tendências de grupos variados de humanos que vivem em períodos históricos distintos ou até mesmo na mesma época, em países diferentes ou no mesmo território. A diversidade de visões de mundo aponta novamente para a constante insatisfação humana que não se permite prender na homogeneidade e na uniformização.

As tradições são vistas como sinônimo de conservação, mas convivem com a novidade em muitas culturas e a crise representa novamente o ímpeto humano de seguir com o desejo de mudança que lança mão da racionalidade no intuito de tornar possíveis as descobertas que forjam uma cultura cada vez mais complexa, permeada por técnicas que viabilizam a realização de desejos sempre renovados.

Não é à toa que Schopenhauer afirmava que a vontade humana só pode ser satisfeita ou aplacada depois da morte, pois a vida é a renovação constante do desejo e a razão é o instrumento que utilizamos para a sua concretização sempre transitória e fugaz.